

irmão? Qual será o mais infeliz: o mendigo sem responsabilidade, a não ser a de sua propria manutenção, ou um pai carregado de filhinhos a lhe pedirem pão?

Como André o observasse, com grande brilho nos olhos, maravilhado com as suas explicações, o Mestre acentuou:

— Sim, amigos! ditosos os que repartirem os seus bens com os pobres; mas, bemaventurados também os que consagrarem suas possibilidades aos movimentos da vida, cientes de que o mundo é um grande necessitado, e que sabem assim servir a Deus com as riquezas que lhes foram confiadas!

*

Em seguida, Zaqueu mandou servir uma grande mesa ao Senhor e aos discípulos, onde Jesus partiu o pão, partilhando do contentamento geral. Impulsionado por um jubilo insopitável, o chefe publicano de Jericó apresentou seus filhos a Jesus e mandou que seus servos festejassem aquela noite memorável para o seu coração.

Nos terreiros amplos da casa, crianças e velhos felizes cantaram hinos de cariciosa ventura, enquanto jovens em grande numero tocavam flautas, enchendo de harmonias o ambiente.

Foi então que Jesus, reunidos todos, contou a formosa parábola dos talentos, conforme a narrativa dos apostolos, e foi também que, pousando enternecido e generoso olhar sobre a figura de Zaqueu, seus lábios divinos pronunciaram as imorredoiras palavras: — "Bemaventurado sejas tu, servo bom e fiel!"

XXIV

A ILUSÃO DO DISCIPULO

Jesus havia chegado a Jerusalém sob uma chuva de flores.

De tarde, após a consagração popular, caminhava Tiago e Judas, lado a lado, por uma estrada antiga, marginada de oliveiras, que conduzia às casinholas alegres de Betânia.

Judas Iscariote deixava desaparecer no semblante íntima inquietação, enquanto no olhar sereno do filho de Zebdeu fulgurava a luz suave e branda que consola o coração das almas crentes.

— Tiago — exclamou Judas, entre ansioso e atormentado — não achas que o Mestre é demasia-dão simples e bom para quebrar o jugo tirânico que pesa sobre Israel, abolindo a escravidão que oprime o povo eleito de Deus?

— Mas — replicou o interpelado — poderias admitir no Mestre as disposições destruidoras de um guerreiro do mundo?

— Não tanto assim. Contudo, tenho a impressão de que o Messias não considera as oportunidades. Ainda hoje, tive a atenção reclamada por doutores da lei que me fizeram sentir a inutilidade das pregações evangélicas, sempre levadas a efeito entre as pessoas mais ignorantes e desclassifica-

das. Ora, as reivindicações do nosso povo exigem um condutor energico e altivo.

— Israel — retrucou o filho de Zebedeu, de olhar sereno — sempre teve orientadores revolucionarios; o Messias, porém, vem efetuar a verdadeira revolução, edificando o seu reino sobre os corações e nas almas!...

Judas sorriu algo ironico e acrescentou:

— Mas, poderemos esperar renovações, sem conseguirmos o interesse e a atenção dos homens poderosos?

— E quem haverá mais poderoso do que Deus, de quem o Mestre é o Enviado divino?

Em face dessa invocação, Judas mordeu os labios, mas prosseguiu:

— Não concordo com os principios de inação e creio que o Evangelho somente poderá vencer com o amparo dos prepostos de Cesar, ou das autoridades administrativas de Jerusalém, que nos governam o destino. Acompanhando o Mestre nas suas pregações em Cesareia, em Sebaste, em Corazin e Betsaida, quando das suas ausencias de Cafarnaum, jamais o vi interessado em conquistar a atenção dos homens mais altamente colocados na vida. E' certo que de seus labios divinos sempre brotaram a verdade e o amor, por toda parte; mas, só observei leprosos e cegos, pobres e ignorantes, abeirando-se de nossa fonte.

— Jesus, porém, já nos esclareceu — obtemperou Tiago, com brandura — que o seu reino não é deste mundo.

Imprimindo aos olhos inquietos um fulgor estranho, o discípulo impaciente revidou com energia:

— Vimos hoje o povo de Jerusalém atapetar o caminho do Senhor com as palmas da sua admiração e do seu carinho; precisamos, todavia, impor a figura do Messias ás autoridades da Corte Provincial e do Templo, de modo a aproveitarmos esse surto de simpatia. Notei que Jesus recebia as homenagens populares sem partilhar do entusiasmo

febril de quantos o cercavam, razão por que necessitamos multiplicar esforços, em lugar dele, afim de que a nossa posição de superioridade seja reconhecida em tempo oportuno.

— Recordo-me, entretanto, de que o Mestre nos asseverou certa vez que o maior na comunidade será sempre aquele que se fizer o menor de todos.

— Não podemos levar em conta esses excessos de teoria. Interpelado que vou ser hoje por amigos influentes na politica de Jerusalém, farei o possível por estabelecer acordos com os altos funcionários e homens de importancia, afim de imprimirmos novo movimento ás idéias do Messias.

— Judas! Judas!... — observou-lhe o irmão de apostolado, com doce veemencia — vê lá o que fazes! Socorres-te dos poderes transitorios do mundo, sem um motivo que justifique esse recurso, não será desrespeito á autoridade de Jesus? Não terá o Mestre visão bastante para sondar e reconhecer os corações? O habito dos sacerdotes e a toga dos dignitarios romanos são roupagens para a Terra... As idéias do Mestre são do céu e seria sacrilegio misturarmos a sua pureza com as organizações viciadas do mundo!... Além de tudo, não podemos ser mais sabios, nem mais amorosos do que Jesus e ele sabe o melhor caminho e a melhor oportunidade para a conversão dos homens!... As conquistas do mundo são cheias de ciladas para o espirito e, entre elas, é possível que nos transformemos em orgão de escandalo para a verdade que o Mestre representa.

Judas silenciou, atormentado.

No firmamento, os derradeiros raios de Sol batiam nas nuvens distantes, enquanto os dois discípulos tomavam rumos diferentes.

*

Sem embargo das carinhosas exortações de

Tiago, Judas Iscariote passou a noite tomado de angustiosas inquietações.

Não seria melhor apressar o triunfo mundano do Cristianismo? Israel não esperava um Messias que enfeixasse nas mãos todos os poderes? Vалendo-se da doutrina do Mestre, poderia tomar para si as rédeas do movimento renovador, enquanto Jesus, na sua bondade e simplicidade, ficaria entre todos, como um símbolo vivo da idéia nova.

Recordando suas primeiras conversações com as autoridades do Sinhédrio, meditava na execução de seus sombrios designios.

A madrugada o encontrou decidido, na embriaguez de seus sonhos ilusórios. Entregaria o Mestre aos homens do poder, em troca de sua nomeação oficial para dirigir a atividade dos companheiros. Teria autoridade e privilégios políticos. Satisfaria às suas ambições, aparentemente justas, afim de organizar a vitória cristã no seio de seu povo. Depois de atingir o alto cargo com que contava, libertaria a Jesus e lhe dirigiria os dons espirituais, de modo a utilisa-los para a conversão de seus amigos e protetores prestigiosos.

O Mestre, a seu ver, era demasiadamente humilde e generoso para vencer sózinho, por entre a maldade e a violência.

Ao desabrochar a alvorada, o discípulo imprudente demandou o centro da cidade e, após horas, era recebido pelo Sinhédrio, onde lhe foram hipotecadas as mais relevantes promessas.

Apesar de satisfeito com a sua mesquinha gratificação e desvairado no seu espírito ambicioso, Judas amava ao Messias e esperava, ansiosamente, o instante do triunfo, para lhe dar a alegria da vitória cristã, através das manobras políticas do mundo.

O prêmio da vaidade, porém, esperava a sua desmedida ambição.

Humilhado e escarnecido, seu Mestre bem

amado foi conduzido á cruz da ignomínia, sob vilipendios e flagelações.

Daqueles lábios, que haviam ensinado a verdade e o bem, a simplicidade e o amor, não chegou a escapar-se uma queixa. Martirizado na sua estrada de angustias, o Messias só teve o maximo de perdão para seus algozes.

Observando os acontecimentos, que lhe contrariavam as mais íntimas suposições, Judas Iscariote se dirigiu a Caifaz, reclamando o cumprimento de suas promessas. Os sacerdotes, porém, ouvindo-lhe as palavras tardias, sorriram com sarcasmo. Debalde recorreu ás suas prestigiosas relações de amizade: teve de reconhecer a falibilidade das promessas humanas. Atormentado e aflito, buscou os companheiros de fé. Encontrou-os vencidos e humilhados; pareceu-lhe, porém, descobrir em cada olhar a mesma exprobração silenciosa e dolorida.

Já se havia escoado a hora sexta, em que o Mestre expirara na cruz, implorando perdão para seus verdugos.

De longe, Judas contemplou todas as cenas angustiosas e humilhantes do Calvario. Atroz remorso lhe pungia a consciência dilacerada. Lágrimas ardentes lhe rolavam dos olhos tristes e amar-tecidos. Mau grado á vaidade que o perdesse, ele amava intensamente ao Messias.

Em breves instantes, o céu da cidade impiedosa se cobriu de nuvens escuras e borrascosas. O mau discípulo, com um oceano de dor na consciência, peregrinou em derredor do casario maldito, acalentando o propósito de desertar do mundo, numa

suprema traição aos compromissos mais sagrados de sua vida.

Antes, porém, de executar seus planos tenebrosos, junto á figueira sinistra, ouvia a voz amargurada do seu tremendo remorso.

Relampagos terríveis rasgavam o firmamento; trovões cavernosos pareciam lançar sobre a terra criminosa a maldição do céu vilipendiado e esquecido.

Mas, sobre todas as vozes confusas da natureza, o discípulo infeliz escutava a voz do Mestre, consoladora e inesquecível, penetrando-lhe os refolhos mais íntimos da alma:

— "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguem pode ir ao Pai, senão por mim!..."

XXV

A ULTIMA CEIA

Reunidos os discípulos em companhia de Jesus, no primeiro dia das festas da Pascoa, como de outras vezes, o Mestre partiu o pão com a costumeira ternura. Seu olhar, contudo, embora sem trair a serenidade de todos os momentos, apresentava misterioso fulgor, como se sua alma, naquele instante, vibrasse ainda mais com os altos planos do invisível.

Os companheiros comentavam com simplicidade e alegria os sentimentos do povo, enquanto o Mestre meditava, silencioso.

Em dado instante, tendo-se feito longa pausa entre os amigos palradores, o Messias acentuou com firmeza impressionante:

— Amados, é chegada a hora em que se cumprirá a profecia da Escritura. Humilhado e ferido, terei de ensinar em Jerusalém a necessidade do sacrifício próprio, para que triunfe definitivamente a verdade. O mundo ha conhecido apenas uma espécie de vitória, tão passageira quanto as edificações do egoísmo ou do orgulho humano. Os homens têm aplaudido, em todos os tempos, as tribunas douradas, as marchas retumbantes dos exercitos que se glorificaram com despojos sanguentos, os grandes ambiciosos que dominaram a